O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

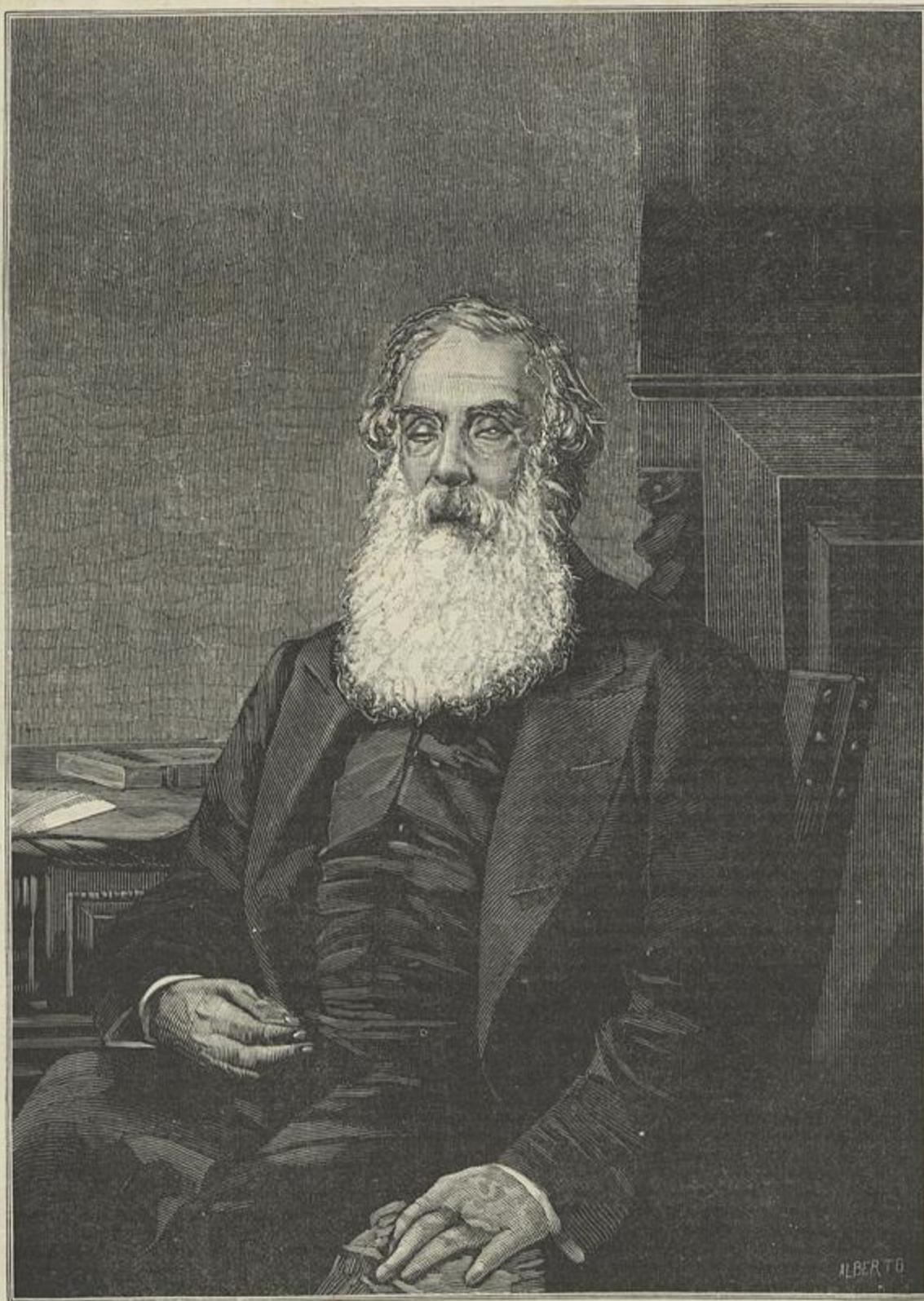
Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 217

1 DE JANEIRO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, VISCONDE DE CASTILHO — QUADRO DE MIGUEL ANGELO LUPI

CHRONICA OCCIDENTAL

O anno de 1884 despediu-se da Peninsula com uma serie de abalos de terra que produziram algum panico em Lisboa, muito em Madrid, e muitissimo em Granada onde occasionaram desastres e mataram mais de cem pessoas.

De todos os phenomenos terrestres são os terremotos dos mais horriveis e aterradores. Portugal soube já, tristemente, ha muitos annos, o que era um tremor de terra a valer. É raro o anno que os tremores de terra não dão que falar de si com grandes catastrophes medonhas, e a unica qualidade boa que elles tem é o serem imprevistos.

Até hoje a sciencia ainda não descobriu o meio de prever o abalo de terra com antecedencia, de marcar antecipadamente o mez, o dia, e a hora em que elle se ha de dar. É ainda um dos muitos pontos obscuros em que a sciencia do homem não poude fazer luz, e felizmente que assim é.

Se se pudesse prever a aproximação d'esse phenomeno contra o qual a força do homem é perfeitamente impotente seria um horror enorme.

Assim quando se dá pelo perigo é quasi quando elle está passado.

O tremor de terra é inesperado, imprevisto como a apoplexia.

O perigo é enorme, mas não se póde prever nem remediar, e portanto não ha remedio senão ter contra elle essa impossibilidade involuntaria que o homem tem contra a immensidade de perigos permanentemente suspensos sobre a sua cabeça.

O contrario seria o supplicio colossal, a agonia lenta e immensa do condemnado á morte que vê minuto a minuto approximar-se o momento terrivel da execução.

A morte não é nada, esperal-a é que é tudo.

É por isso que as epidemias são terriveis, é por isso que todos os povos tremem de horror ao ver approximar-se o cholera, esse cholera, que este anno visitou a Europa, e parece disposto a não se ir embora tão depressa.

Não é a morte que assusta, é o estar todos os dias a tremer que ella venha.

Ahi temos nós agora em Lisboa a variola, com sua agonia medonha a fazer centenares de victimas: ahi temos sempre a tisica, a dizimar a população d'um modo aterrador.

E entretanto ninguem pensa n'isso, e todos tremem á idéa do cholera.

E' que familiarisadas com essas doenças endemicas, os lisboetas nem sequer já reparam n'ellas: e o cholera é a novidade, o cholera é a preoccupação da morte, e é isso que faz o pavor, é isso que assusta e aterra.

A previsão do perigo é uma garantia para os grandes espiritos robustos, tranquillos, cheios de serenidade e firmeza; mas para os espiritos levianos, para os espiritos fracos e timoratos essa previsão é mil vezes peior que o perigo.

Por isso é uma grande vantagem os tremores de terra não poderem ser previstos nem esperados.

Aqui ha tempos um medico muito distincto falando a respeito do cholera, inclinou-se á opinião de que a epidemia do Ganges tinha toda a tendencia a tornar-se endemica na Europa.

E oxalá que assim fosse, dizia elle, porque acclimando-se nos nossos paizes perderia grande parte da sua intensidade, perderia a sua poderosa força de contagio e tornar-se-ia uma doença vulgar como as bexigas, o typho, e todas as outras enfermidades que se acclimaram no nosso solo.

O andamento do cholera na Europa, a sua falta de intensidade e a sua persistencia em não abandonar a nossa região parecem dar rasão á opinião d'esse medico, que é a de muitos medicos celebres do extrangeiro. E se assim fôr, o cholera pequena recrudescencia terá no verão e ficará sendo uma doença como qualquer outra, uma doença que se estudará com muitos mais elementos, que fará tantas mortes como as outras, de que desapparecerá o pavor que é uma das suas mais terriveis armas, e acabar-se-ha d'uma vez para sempre com estes receios do cholera que nos assaltam todos os annos, com as quarentenas, os cordões sanitarios, os lazaretos, todas essas coisas que levam rios de dinheiro e que causam graves perjuizos ao commercio, á industria, e á vida social dos povos.

Se assim não fôr, se o cholera não se acclimar na nossa região durante a sua longa estada, se conservar o seu caracter epidemico, e se se deixar estar na Europa até ao começo do verão a epidemia será terrivel, terá com os primeiros calores grande recrudescencia e dará muito que falar de si.

Mas tudo leva a crer que se realisará a primeira hypothese, o que será caso para se dizer ainda bem, pela theoria de que: — do mal o menos.

O presidente do conselho de ministros apresentou ás côrtes constituintes, como promettera, o projecto das reformas constitucionaes.

Essas reformas vão ser agora discutidas, e se não derem um grande resultado pratico, se d'ahi não nos vierem grandes vantagens ao menos teremos sempre uma — a de ficarmos socegados durante um tempo a esse respeito, a de não termos por um par d'annos o eterno estribilho das reformas politicas a apoquentar-nos os ouvidos, e a servir d'arma politica a todas as opposições. E a respeito de politica nada mais ha por emquanto A camara dos deputados acaba apenas de se constituir, e ainda não foi theatro de nenhuma campanha notavel.

— A opposição começou já a pedir documentos e a annunciar accusações ao governo, mas por emquanto ainda não passou d'ahi.

Entretanto espera-se que esta legislatura trará conflictos interessantes, discussões acaloradas, de que não cremos que resulte outro proveito senão o de divertir os espectadores das galerias.

O theatro, e principalmente o theatro de S. Carlos é que nos tem fornecido as novidades n'estas ultimas semanas, novidades de que algumas chegam mesmo a merecer as honras de acontecimento, como as recitas da celebre cantora franceza a sr.ª Fidés Devriés.

A empresa de S. Carlos devia bem esta compensação aos espectadores depois do fiasco manso da sr.ª Salla, que se annunciára como celebridade.

E' verdade que para ella os preços não augmentaram como aconteceu para com a sr.ª Devriés, mas ainda que para a sr.ª Salla tivessem diminuido, nós abençoariamos o augmento de hoje.

A sr.ª Devriés é uma celebridade a valer, e uma celebridade na plenitude de todos os seus rarissimos recursos artisticos, da sua arte primorosa.

Tem atravessado o palco de S. Carlos muitas celebridades artisticas, mas nenhuma d'ellas egual á sr.ª Devriés, hoje considerada em todo o mundo lyrico como a unica rival da Patti.

E nós não estamos aqui no caso dos prégadores para quem o orago do dia é sempre o maior santo de toda a côrte celestial.

A sr.ª Devriés é superior a todas as outras cantoras que temos ouvido em S. Carlos, pelas simples rasões de estar em plena posse de todos os seus recursos e de reunir n'um elevadissimo grau todas as qualidades necessarias, indispensaveis, que constituem hoje a grande cantora de opera, qualidades tão raras de encontrar reunidas, que basta uma d'ellas apenas para valer a celebridade a um artista, como por exemplo a De Reské, celebre pela voz, a Pasqua celebre pelo talento dramatico, o Mongini celebre pelo seu orgão vocal, o Gayarre pelo seu methodo de canto, etc., etc.

Fidés Devriés reune todos esses titulos de celebridade e é isso que a torna notabilissima entre as mais notaveis.

Temos ouvido vozes maravilhosas, mas faltas de escola, ou faltas de talento: temos ouvido cantores notaveis pela sua arte, mas a quem a voz atraiçoa, temos ouvido em suma artistas que reunem a excellencia da voz á excellencia do methodo, mas a quem falta o talento dramatico, a arte theatral sem os quaes não ha artista de opera completo e perfeito.

A sr.ª Devriés é notavel pela frescura, pelo bello timbre, pela flexibilidade e extensão da sua explendida voz: é notavel pela arte profunda com que sabe cantar, com que sabe servir-se d'essa voz, é notavel pelo talento dramatico de interpretração theatral, pela sciencia maravilhosa com que estuda os seus personagens e os realisa em scena, pela sciencia completa de comediante com que sabe dizer as phrases musicaes e com que sabe ouvir e estar em scena.

E estas tres qualidades reunidas, qualidades que nunca viramos juntas em tão alto grau n'uma artista, vimol-as e apreciamol-as na sr.ª Devriés, primeiro na Margarida do *Fausto*, e depois na Ophelia do *Hamlet*, a creação mais extraordinaria que o publico de Lisboa tem visto no theatro de S. Carlos.

Na *Aida* de Verdi *debutou* uma cantora nova, que vem fazer parte da actual companhia lyrica como 1.ª dama de *obligo* — a sr.ª Borelli.

Agradou muito na noite da sua estreia a sr.ª Borelli Tem boa voz, canta com bom methodo e excellente affinação. Na *Aida* foi ella a unica que se distinguiu, porque a sr.ª Novelli apesar da sua excellente voz falhou completamente o papel de Amneris, porque lhe faltou o talento, o sentimento dramatico, que tornavam notabilissima n'este papel a sr.ª Pasqua e porque o resto do desempenho deixou immenso a desejar por parte de todos os outros artistas, cuja inhabilidade dramatica mais vivamente se sente hoje depois de se ouvir e de se ver representar a sr.ª Devriés.

N'um dos proximos dias deve estreiar-se em S. Carlos uma cantora que vem tambem dar apenas cinco ou seis representações e que é muito conhecida no mundo lyrico, a sr.ª Sembrich.

O theatro de D. Maria, deu uma peça nova, original, e original d'um auctor dramatico muito festejado, a quem o theatro contemporaneo deve essas duas deliciosas comedias em verso que se chamam — *Mantilha de renda* e *Nadadoras*.

Chama-se a *Chilena* a nova peça de Fernando Caldeira, representou-se hontem pela primeira vez, e d'ella faremos um dos principaes assumptos da nossa proxima chronica.

Gervasio Lobato.

CASTILHO

I

Ha homens para quem a posteridade começa logo no instante em que cerram os olhos á luz da vida, outros, porém, é mister que passem dias e annos, que desappareça uma ou duas gerações, para que a posteridade lhes faça a devida justiça.

O homem a quem hoje o Occidente presta a homenagem do seu respeito, pertence a este ultimo grupo.

Celebrado na infancia e na juventude como uma das maiores esperanças das lettras portuguezas, reconhecido na adolescencia como um talento de primeira ordem, venerado na maturidade como um mestre e um dos grandes modelos da lingua patria; teve que tragar nos ultimos annos o pungitivo amargor de uma critica severissima, que lhe negou talento, saber, criterio, e até a vernaculidade da palavra!

Se esse repto, se essa lide se houvera travado nos seus verdes annos, quando o talento, a penna, precisam do correctivo benefico, para se depurarem e aprimorarem, fôra-lhe salutar exemplo, mas no fim da carreira, quasi no limiar da eternidade, quando a actividade do seu espirito se manifestára em riquezas de inapreciaveis quilates, póde ter sido um passo ousado e brilhante da parte dos contendores, mas, como de principio dissemos, não começou ainda a posteridade, para avaliar serena e imparcial até onde chega a verdade e exactidão, onde começa a paixão e o exagero.

Diz um proverbio nosso: todos somos pêgas, todos temos as azas negras; não ha homem por mais genial que se exalte, que não tenha manchas; descobrem-se no globo ardente e brilhante que illumina os mundos, vemol-as no *astro saudoso* que, nas horas silenciosas da noite, como que desdobra um manto de prata por sobre toda a creação. Mas porque uma nuvem nos intercepta a luz do sol, porque uma fraga interrompe o curso da ribeira, deixa aquelle de continuar a luzir, esta de derivar as suas aguas até á sua foz?

Suave e ao mesmo tempo pesado é hoje o nosso encargo. O nome que temos a commemorar recorda-nos um pequeno periodo da nossa descuidada juventude, em que, abelha inconsciente, volitámos de flor em flor, libando ora nectar, ora succo amargo, que mal sabiamos assimilar, ou converter em substancia proficua; deslisava a nossa existencia, ainda que travada de desgostos, como uma barquinha solta á tona d'agua, sem rumo e sem fito; ora prendendo-se a um ramo de salgueiro, ora encalhando na areia, ora roçando pelos rochedos, tirando de tudo solaz e desenfado. Um dia d'essa quadra semi-risonha encontrámos-nos com este homem, então da edade que pouco mais ou menos contamos hoje, e que desde logo nos tratou como amigo, qual o fôra de nossos tios e pae, e que mostrou prazer e satisfação por conhecer a tenue vergontea de uma geração desapparecida, que muito apreciára. Dois ou tres annos duraram estas relações, depois afastamo-nos, e por longos annos, e n'estes annos travou-se a lucta e desappareceu para sempre o homem notavel, que apenas podémos tratar um momento.

E' pesado o encargo porque nem a occasião presente nos facilita o repouso necessario para tratarmos, como fôra mister, de um dos vultos mais importantes da litteratura portugueza do seculo xix, nem as nossas debeis forças são cabaes para levantar o assumpto á altura da sua magni-

tude, nem para decidir de um traço a pugna, que ainda, de quando em quando, deixa repercutir o echo dos encontros pelos troços da palissada, que ainda mostra de onde a onde vestigios das empresas que ornavam os escudos dos contendores.

A posteridade, repetimos, dará a sentença. Nós descreveremos rapidamente a vida do grande homem, daremos conta do que fez, emittiremos muito de leve a nossa humilde opinião, sem que isso signifique mais do que o nosso sentir pessoal.

II

Se ainda hoje se duvida onde nasceu Camões, Gil Vicente e João de Barros, temos porém a ventura de conhecermos positivamente a terra natalicia dos tres grandes nomes que enchem trinta ou quarenta annos d'este seculo: Garrett, Herculano, Castilho. Ainda mais, se apenas uma tradição documental nos deixa presumir com plausibilidade quaes foram as paredes que ouviram o ultimo bocejo de Camões, se uma patriotica, mas mal investigada opinião, assignala hoje a casa que foi berço provavel de Damião de Goes, temos o conhecimento perfeito da casa em que nasceu Garrett, na rua do Calvario, na cidade do Porto, (Vej. 1 vol. do OCCIDENTE, pag. 192); onde nasceu Herculano no pateo do Gil, na rua de S. Bento em Lisboa, e a de Valle de Lobos onde falleceu (Vej. 1 vol. do OCCIDENTE pag, 5; aquella em que viu a luz, que tão breve se lhe havia de apagar, Antonio Feliciano de Castilho, na rua da Torre de S. Roque, a 26 de janeiro de 1800, o primeiro mez d'este seculo.

O municipio portuense, posto ainda não levantasse um monumento ao primeiro homem da sua terra, já mandou assignalar o logar venerando onde deu os primeiros vagidos o grande poeta; em Lisboa ainda não estão marcados aquelles dois sitios veneraveis. Tem-se, é verdade, collocado lapides commemorativas nas casas onde os grandes homens cessaram de ser, não n'aquellas onde teve origem a sua gloria e a da patria.

Vae a piedade filial carreando, argamassando, e sobrepondo um a um os enxilhares, ligeiramente lavrados, que hão de constituir o edificio da gloria de Antonio Feliciano de Castilho, até que um dia o historiador se apodere d'esses materiaes, e dê vida, alma e eternisação ao vulto que o filho divinisa. Felizes os paes que geram e deixam filhos assim.

Narrar todas as peripecias da infancia do poeta fôra reproduzir quasi o primeiro volume das *Memorias de Castilho;* que o seu talento, a sua viveza se revelaram precoces, isso é já quasi um logar commum em todas as biographias dos homens notaveis, raro se encontra um ou outro em que esse caso se não dê; ha porém na vida infantil de Castilho um facto que domina toda a sua existencia, e d'onde lhe deve provir principalmente o respeito e a veneração dos presentes e vindoiros — a cegueira.

Castilho nasceu como todas as creanças perfeito, e sem mostras de que podesse ver-se privado do sentido mais apreciavel que o homem possue. Aos seis annos a doença do sarampo, tributo iniquo que todos mais ou menos violentamente pagamos, accommetteu Castilho; quando ia melhor e já no periodo da sécca, por uma circumstancia qualquer recolheu-se o sarampo, os olhos foram horrivelmente atacados, e quando o pequeno Antonio sarou, com o maior desgosto da familia que o amava, se achou cego.

Quem gosa o dom da vista, embora fraca ou curta, como nós, póde bem avaliar o horror que lhe causaria perder esse precioso dom... nem pensal-o, nem imaginal-o sequer, que nos dá volta o juizo. E se isto assim é já na edade da razão, que fará na infancia, quando a impaciencia domina a racionabilidade, e a natureza repugna tudo o que seja encommodo, reage contra tudo o que seja privação.

Ah! mas parece que a natureza para cada cruz sabe fazer apparecer um Cyreneu. A fatal noite que encobriu os olhos do pequeno Antonio, fez rebentar uma torrente de affeição, de dedicação, de amor na alma candida, na alma de oiro de seu irmão Augusto.

Pae, mãe, irmã, todos se desvellavam e redobravam de affecto pelo pobre cego, mas o irmão, com a sua pequena intelligencia de quatro annos, entregou-se-lhe de todo e d'alli em deante, foi-lhe não só irmão e companheiro, mas e principalmente foi-lhe olhos.

J. B.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO DE MENEZES

É curta a biographia; curta foi tambem a vida d'esse pobre rapaz que tanto divertiu Lisboa com os chistes graciosos da sua uberrima veia comica e tão cedo desappareceu do mundo.

Nasceu em 9 de julho de 1858, Antonio de Sousa de Menezes filho de Balthasar de Sousa de Menezes, e de D. Eugenia Augusta da Silva.

Quando tinha 16 annos começou a escrever para o theatro.

A sua primeira peça foi uma imitação n'um acto, *Um tartufo* representada no theatro do Principe Real.

A peça agradou e d'alli por diante Antonio de Menezes começou a trabalhar para o theatro, em originaes, em imitações, em traducções, com uma actividade febril como que adivinhando que pouco tempo tinha para trabalhar, que pouco tempo lhe seria dado aquecer-se á chama ardente do enthusiasmo, dos applausos, das ovações.

N'esse mesmo anno em que começou a escrever para o theatro, começou a escrever para os jornaes, entrando para a redacção do *Jornal da Noite* onde dentro em pouco se tornou notavel pelas suas gazetilhas.

Esse genero ligeiro, alegre, facil, a satyra de momento, a critica dos acontecimentos feita a rir, n'uma quadra rapida, foi a gloria de Menezes.

Dia a dia as gazetilhas firmadas por *Argus* foram conquistando celebridade pela sua *verve* expontanea, pelo bom humor com que eram feitas, pela conceituosa critica habilmente encerrada em quatro ou oito versos muito singelos, muito alegres, muito engraçados.

E o pseudonymo de *Argus* tornou-se rapidamente conhecido, das gazetilhas do *Jornal da Noite* passou tambem para as gazetilhas do *Diario Illustrado,* e para as revistas do anno do theatro da Rua dos Condes e dos Recreios, revistas que tinham sempre um grande *successo* pelo seu bom humor, pelas idéas comicas que n'ellas se amontoavam, pelos bons ditos que esfusiavam de principio a fim.

E era de ver como Antonio de Menezes fazia essas revistas, essas peças que causavam tantos enthusiasmos e que davam tão grandes receitas ás emprezas!

Antonio de Menezes nunca teve gabinete de trabalho.

Escrevia em toda a parte, nos botequins, nas caixas de theatro, nas lojas, na rua, por toda a parte, com uma torrencial expontaneidade de talento que só a morte poude estancar.

Ha annos a esta parte a tisica de larynge apossára-se d'elle e ia-o empurrando rapidamente para a cova.

Os estragos da terrivel doença conseguiram desfigurar-lhe o corpo, mas o espirito continuou sempre limpido, desanuviado, jovial até á ultima hora.

Cadaverico, com os olhos amortecidos e encovados nas faces d'uma pallidez de morto, com a voz a sumir-se-lhe com a vida, quasi moribundo, Antonio de Menezes andava ainda pelos theatros dirigindo os ensaios das suas peças, pelas redacções fazendo as gazetilhas com a mesma jovialidade e expontaneidade que d'antes, e collaborava alegremente com Sousa Bastos na revista do anno que nos principios d'este mez devia entrar em ensaios nos Recreios.

Finalmente no dia 17 de dezembro a morte gritou-lhe: «Basta» e atirou-o para a cova.

Dois dias antes, ainda, no dia 15 escrevia elle uma explendida gazetilha ácerca da abertura das côrtes.

No dia 17 *Argus* morria deixando um nome cheio de tradicções alegres, e uma saudade profunda que será um culto eterno para a sua familia e para aquelles que com elle lidaram de perto.

Era um rapaz de muito talento, e um excellente caracter.

Tinha amigos em toda a parte, amigos sinceros, que lhe queriam muito e para quem a sua morte foi um verdadeiro lucto.

O seu enterro foi uma manifestação imponente de sentimento: não só pelo grande numero de pessoas que o acompanharam ao cemiterio, mas principalmente pela dôr sincera que se lia em todos os rostos, pelo silencio profundo que reinava n'essa enorme multidão agrupada em torno do caixão do pobre *Argus,* silencio apenas cortado a miudo pelo soluçar d'aquelles que se iam alli despedir do amigo honrado e do alegre companheiro.

Gervasio Lobato.

QUISSANGA

O navio que se dispõe a subir o Zaire, depois de ter dado resguardo ao baixo do *Banana,* encosta-se á margem direita e segue junto a ella desde a ponta *Boolambemba* até acima do *Ilheu do Boi,* atravessando então o rio e seguindo até á margem sul pelo canal navegavel. D'este lado e pouco distante do sitio onde, fazendo esta navegação, se encontra a terra ao sul do rio, vê-se alvejar umas casas, que destacam bem as suas paredes e tectos brancos do macisso de verdura a que se encostam, e sobre as quaes tremulam as quinas portuguezas ao lado da bandeira vermelha da Inglaterra. São as feitorias de Quissanga.

Em frente das casas, o navio, que ahi quizer demorar-se, pode largar o ferro a pequena distancia da terra; não é comtudo um bom fundeadouro, por causa da corrente do rio sempre violenta, e muito principalmente no tempo das chuvas; quando elle se torna mais caudaloso, e mais pesados os estoques d'agua e rilheiros; n'estas condições o navio puxa bastante pela amarra, e não é difficil garrar.

Como a maior parte das feitorias do Zaire, as da Quissanga são construidas de madeira e assentes sobre um bocado de terreno batido, á beira do rio, seguro por uma estacada que as aguas turvas e barrentas veem tambem deslisando ao longo d'ella; em roda e por toda a parte, a explendidá vegetação tropical densa e emmaranhada, cerca a casa de habitação e uns barracões e armazens annexos que constituem a feitoria. N'este sitio pantanoso e insalubre, como o são em geral as margens do grande rio africano; vivem os europeus portuguezes e inglezes, fazendo com os musssurongos o seu commercio de permutação. O desenho representa a casa da feitoria ingleza; ao lado d'ella, uma outra de aspecto similhante, mas onde se desenrola a bandeira azul e branca, pertence a um portuguez. As feitorias portuguezas são as mais numerosas no Zaire e não falta na Quissanga um representante dos que primeiro navegaram no longo, e com um padrão lhe assignalaram a foz.

J. A. Celestino Soares.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES, NO PORTO

(Concluido do n.º 216)

O sr. Adolpho Nunes expõe alguns pequenos quadros, entre elles um intitulado «O espectaculo», representando uma cabeça de rapaz coberta com um barrete formado de um programma de theatro. O pensamento tem graça e a cabecinha se bem que feita do *chic,* não desagrada.

Um retrato de uma senhora resente-se da falta de desenho e a côr pareceu-nos um tanto falsa.

A «Samaritana», quadro original destinado tambem ao concurso do premio «Barão de Castello de Paiva» é um trabalho tão infeliz como o do outro concorrente o sr. Augusto Ribeiro. Pobreza de concepção, colorido o mais desagradavel possivel, attitudes tragicas nas figuras, desenho incorrecto. O auctor parecia poder dar mais alguma cousa do que esta insignificante composição.

O sr. Alberto Nunes, irmão do artista anterior, apresenta um retrato de homem, que só por brinquedo o poderia mandar para a exposição. Horrorosa coisa!

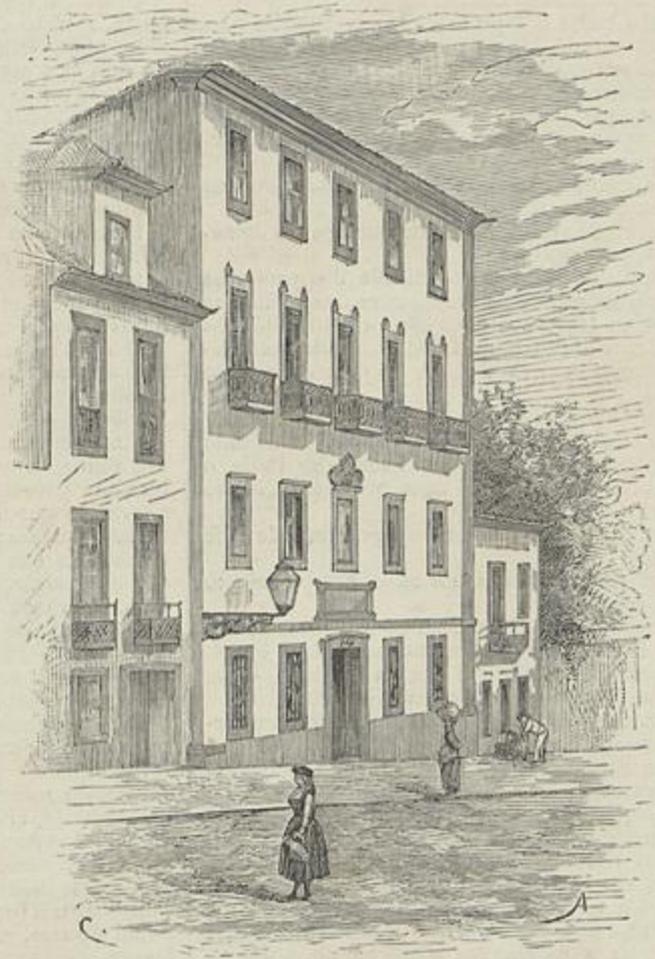
O sr. João José Nogueira, alumno da Academia, exhibe uma copia reduzida, de um quadro do sr. Marques de Oliveira e uma paizagem original, bastante fraca.

O alumno o sr. Rodrigo Soares tem na exposição, além de outros trabalhos de menos valia, uma cabeça pintada do modelo vivo para exame do segundo anno. É um typo repellente de velha, em cuja physionomia se vêem os vestigios repugnantes de excessos alcoolicos. O colorido é vivo e expressivo, revelando-se em outras minudencias do trabalho uma aptidão muito promettedora.

O sr. Joaquim Manuel Teixeira Marinho exhibe dois estudos, um de flôres, que não se recommenda muito, e outro representando um prato de sardinhas, bem pintado.

Do sr. Antonio Molarinho ha em pintura apenas um grande retrato de Beethoven. É copia de gravura ou lytographia e isto bastaria para a critica passar adeante. Uma cabeça enorme, em que o artista exagerou os traços mais expressivos da physionomia do illustre compositor. Depois, como

Lapa dos Esteios, em Coimbra, logar predilecto de Castilho (Segundo uma photographia de Santos)

Casa onde nasceu Castilho, na rua da Torre de S. Roque, em Lisboa (Segundo um desenho do sr. Visconde de Castilho (Julio)

Casa onde morreu Castilho, na rua do Sol ao Rato, em Lisboa (Desenho do natural por Cazellas)

o retrato foi pintado para figurar em um concerto nocturno, no palco de um theatro, o auctor serviu-se de um colorido, em que o excesso do branco poderá produzir bom effeito á luz do gaz, mas que em uma galeria qualquer destoa completamente.

O sr. José Julio de Souza Pinto, distinctissimo pensionario do estado em Paris, tem na exposição um grande numero de trabalhos, que constituem as suas remessas annuaes á Academia. Estudos, copias, e originaes.

Dos primeiros, são os mais notaveis um estudo academico de homem, que tem no catalogo o n.º 33 e um braço maravilhosamente desenhado e pintado. É um pedaço de pintura soberbo.

Das copias, são muito exactas com os originaes, um busto de mulher de Chapelain, e uma mulher deitada, de Henner. Uma outra copia de Tiepolo, representando um assumpto religioso e cujo original está no Louvre, pareceu-nos tratada com pouco cuidado.

Dos originaes ha além de uma bella cabeça de mulher edosa, o quadro intitulado «Depois da tempestade», que esteve no *Salon* d'este anno.

O assumpto é uma mulher do campo, olhando tristemente para os estragos produzidos pelo vendaval em uma velha macieira, que o vento derrubou.

A figura, em uma attitude muito natural, tem sentimento, exprimindo bem a magua que lhe vae na alma pelo desastre que presenceia. Prima pela correcção do desenho, pelo bom colorido das carnes, e pelo cuidado com que as roupas estão tratadas. Um dos braços, especialmente, é distinctamente modelado.

A arvore derrubada não se destaca muito do fundo, e ao primeiro relance não produz dos melhores effeitos o branco da madeira, em uma das partes rachadas do tronco.

A perspectiva da paizagem, sobretudo nos ultimos planos é admiravel, e se bem que predomine em toda a tela uma tonalidade esverdeada um tanto fria, a côr é suave e harmonica, a vegetação está tratada com maestria e a factura geral é excellente.

Souza Pinto é já, sem duvida alguma uma das nossas glorias artisticas.

A sr.ª D. Rita Ricardina da Costa expõe tres pequenas paizagens dos suburbios de Braga. Com uma direcção habil e competente, esta senhora poderia ser uma pintora apreciavel. Os seus quadros resentem-se da falta de conhecimento das regras de perspectiva, do emprego das tintas e do pouco exercicio do desenho.

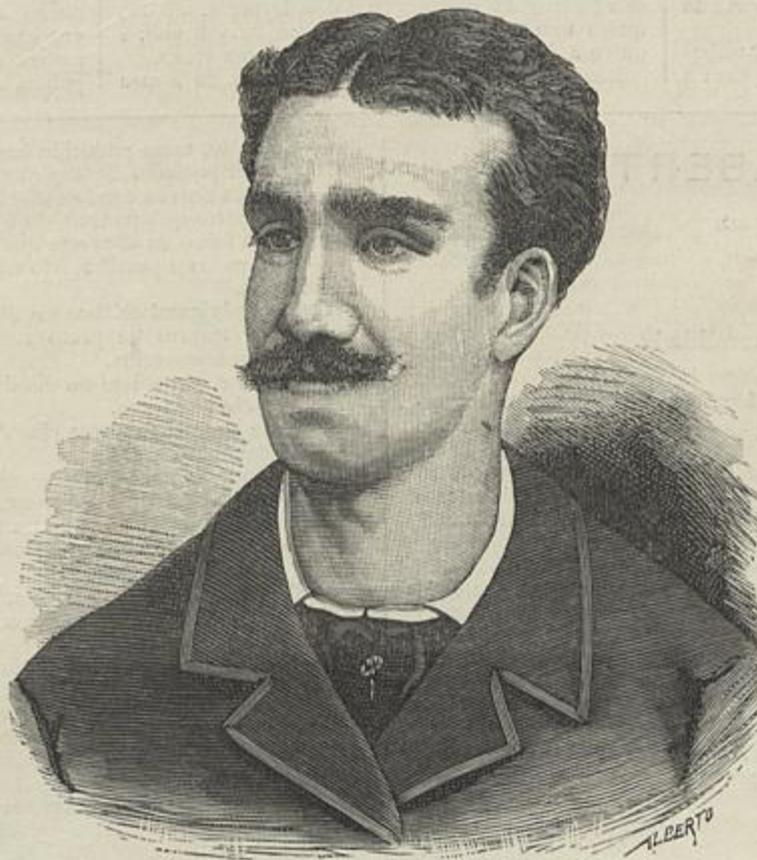
A sr.ª D. Amelia Rangel Maia exhibe uma copia de um quadro do sr. L. Katzenstein e uma pintura original. Nunca podémos sympathisar com os quadros d'aquelle artista, e por isso lamentamos que a expositora escolhesse similhante modelo. O seu trabalho original resente-se dos mesmos defeitos do referido pintor e por isso aconselhamos a amadora a mudar de mestre e de orientação artistica.

Do sr. Amoedo ha um pequeno retrato, um corpo inteiro, de Souza Pinto. E' uma telasinha muito apreciavel.

Põe como fecho á secção de pintura, a collecção dos estudos do mallogrado pintor Henrique Pouzão, um talento brilhante que a morte sumiu prematuramente nas profundezas do tumulo.

São 22 os trabalhos que se offerecem á analyse do visitante, comprehendendo desenhos, copias de Saint Sauve, Vernier e Mancini, esbocetos e quadros originaes.

Em todos elles presentem-se as forças productoras de uma aptidão pouco vulgar, de todo elles rescendem os perfumes de uma alma candida e enthusiasta.

Ao attentarmos em algumas paizagens de Capri, n'aquella deliciosa composição «Esperando o

Antonio de Menezes — Fallecido em 17 de dezembro de 1884
(Segundo uma photographia)

successo» e em outros estudos, soluça-nos a alma uma dôr intensissima por vermos aniquilado para sempre aquelle filho dilecto da arte.

Quanto havia a esperar da sua constancia pertinaz no estudo, do seu entranhado amor pelo bello, da sua grande vocação!

A Academia, reunindo n'esta exposição todas as obras que pôde conseguir do desventurado artista, prestou-lhe um preito justissimo de veneração e apreço.

A sua memoria saudosa deve rejubilar com esta manifestação posthuma.

A secção de architectura está numerosa e dignamente representada.

Se bem que na quasi totalidade dos projectos expostos, se note pouca inventiva, inspirando-se todos esses trabalhos mais ou menos nas fórmas da moderna architectura franceza, ainda assim ha alguns muito bem executados e dignos de menção especial.

Assim notaremos:

Do sr. Joel da Silva Pereira, que está estudando actualmente architectura na Escola de Paris, o projecto de uma ponte, com projecções muito bem perspectivadas.

Do sr. Adães Bermudes, um projecto de café concerto.

Do sr. José de Almeida e Silva, outro projecto de café concerto.

Do sr. Marques Guimarães os projectos de um museu, de um estabelecimento de banhos, excellentemente aguarellado e bem concebido, e de uma estação terminus de caminho de ferro.

Do sr. Antonio da Silva, um projecto de quartel de cavallaria.

Do sr. Francisco Manuel de Oliveira Carvalho, os projectos de um museu popular que obteve o primeiro premio Soares dos Reis, este anno e de um museu de bellas-artes.

Outros trabalhos ha ainda dignos de apreço, mas são tão numerosos que fastidioso seria enumeral-os a todos. Os principaes ahi os deixamos apontados e injustiça seria não declarar que n'elles se presente a habilissima direcção do distincto professor o sr. Sardinha.

A secção de esculptura acha-se do mesmo modo brilhante e numerosamente representada por varios estudos dos alumnos da respectiva aula, regida pelo eminente esculptor o sr. Soares dos Reis.

Disputam-se primazias nos estudos do modelo vivo os srs. Seraphim de Souza Neves, Marques Guimarães, Julio Costa e Antonio Teixeira Lopes.

Este ultimo expõe ainda um busto, retrato, em que a modelação nos pareceu um tanto secca, e uma estatueta de S. Sebastião, que apesar de se resentir do mesmo senão, possue comtudo qualidades muito apreciaveis de desenho e expressão. N'essa estatueta ha uma *ficele* pouco propria de artista e é o ter sido moldado sobre o proprio tecido, o pedaço de pano que cobre uma parte da figura nua do martyr.

Apesar d'isso o sr. Teixeira Lopes, nos trabalhos que apresenta, mostra muita vocação para a esculptura e decidida boa vontade para o estudo.

O sr. Seraphim de Souza Neves, expõe um busto, retrato de um ecclesiastico, além de parecido, muito bem modelado. Vê-se que o alumno de que se trata procura tanto n'este busto como nos seus outros estudos do nu, copiar bem o modelo, dando-lhe uma interpretação escrupulosa.

O seu estudo de roupas é bem feito e não sabemos até se o devamos preferir a outro identico, do sr. Marques Guimarães, tambem excellentemente modelado.

D'este artista, que terminou o seu curso academico, ha diversos trabalhos que revelam muita aptidão no seu auctor e apenas lamentamos que lhes juntasse uns esbocetos difficeis de decifrar e improprios de uma exposição de bellas-artes.

O sr. Thomaz Costa exhibe um bom baixo relevo do modelo vivo para exame do 3.º anno, e mostra n'esse, como em outros estudos, muita intelligencia e habilidade.

Finalmente o sr. Antonio Molarinho apresenta uns cinco retratos, em medalhões, alguns d'elles bastante parecidos. Se bem que o seu auctor dê provas de que a esculptura era um dos ramos das bellas-artes que poderia cultivar sem desvantagem, os retratos que expõe resentem-se da pouca pratica de modelação, que é por vezes extremamente dura, e até da f lta das noções essenciaes para trabalhos d'essa natureza, como a questão de planos, pois em um perfil, em baixo relevo, não póde ter a mesma saliencia da cabeça, a extremidade inferior do rosto.

Aqui terminamos a revista da actual exposição triennal e fazemol-o fechando-a com uma tristissima noticia.

Quando nos referimos, no segundo artigo, ás aptidões da alumna da nossa Academia a sr.ª D. Christina Amelia Machado, mal julgavamos que tão cedo a veriamos partir d'este mundo!

A morte colheu-a atrozmente no meio das esperanças de um futuro promettedor. Era apaixonada, como poucas, pela arte e fôra essa paixão que a levara até ás aulas da Academia Portuense, onde tencionava completar o seu curso de pintura.

Que a eternidade lhe seja suave!

Manuel M. Rodrigues.

OS CONFIDENTES

(Continuado do n.º 216)

Minha Thereza.

Nunca senti tanto a tua ausencia como hontem. Uma rapariga, como eu, está sempre mal, quando se vê sósinha a discutir com dois homens, um dos quaes tem a franqueza extremosa de um pae, e outro a delicadeza ceremoniosa de uma visita.

Durante o jantar, apenas Bernardo de Souza lançava uma idéa extravagante, que eu tentava combater, acudia o papá do seu lado, em parte para lhe ser agradavel, e tambem para me ouvir discutir. O seu muito amor obscurece-o a ponto de se tornar vaidoso deante das minhas qualidades! Deleita-o o ouvir-me falar; e, no seu juizo — ia jural-o! — não ha no mundo intelligencia que se compare á da sua Helena. Por isso, imagina tu, meu amor, a minha posição! O papá atacava os meus argumentos com a dupla superioridade da sua intelligencia e da sua ascendencia! Era cruel! A falta de razões, chamava-me creança — és uma creança — dizia elle; e fazia-o de modo que a sua manifesta vontade era desdobrar deante de mim a sua certidão de edade! Depois, sorria glorioso; mas mais contente da minha victoria do que do triumpho proprio.

Bernardo de Souza, essa, minha bicha, com toda a finura d'um elegante, intelligente, argucioso, era mais de temer! Como antepunha a cortezia á temeridade, collocava-me n'uma posição que me irritava. As vezes, então, de repente, benevolo e delicado, oppunha-me um argumento que me embaraçava. O papá, vendo-me derrotada e arrelliada, batia palmas, ria ás gargalhadas, querendo assim, com os applausos ao meu adversario, estimular-me os brios e alentar-me de novo á lucta!

Faltavas-me tu! Ah! Thereza, eu desafio d'aqui os mais intelligentes argumentadores do mundo para se baterem com duas raparigas! É preciso confessarmos o nosso predominio, Thereza. Talvez os homens pensem melhor, talvez; mas nós pensamos mais rapidamente. Estou convencida d'isto. E quantas vezes o tenho sentido ao ler um livro, que levou annos e annos de longa meditação, e cujas idéas, afinal, eu tantas vezes tenho tido, sem grande trabalho de intelligencia!

O homem, no meu entender, póde ser comparado a um elephante. Nós somos como as pombas! Perpassamos alegres, em bando, com as azas transparentes da nossa imaginação abertas á luz do sol. E, como a pomba do *Testamento*, basta colher no bico um verde ramo de oliveira, para levar o resgate á humanidade opprimida! Francamente, nem todos os elephantes vestidos no *Keil*, valem mais pela força dos seus musculos possantes, do que uma timida pomba, vestida na *Aline* pela ligeireza das suas azas! Esta é a minha opinião e a tua e a de todas as mulheres...

Bravo! acabo de ler as duas folhas de papel d'esta carta. Já agora deixo-a ir assim, com toda esta pretenciosa philosophia, que eu de ha muito estava morta de prégar, fosse a quem fosse!

Coube-te a ti a triste sorte de a ouvir. Perdôa-me a seca e chora a minha desgraça!

Falemos dos acontecimentos, que é melhor e mais divertido.

Logo que mandei para o correio a tua carta, fiz a minha *toilette* ligeira para o jantar, e fui ter com o papá á bibliotheca. Ao entrar na sala, o Bernardo de Sousa estava no desvão da janella, encostado no peitoril, a conversar com a tia Dorothéa e com o padre-capellão. Com o padre-capellão, é uma maneira de dizer! Anda este pobre

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 215)

VII

As questões de moralidade

A mana, como senhora de mais pensar, deu á physionomia certa expressão de tristeza, como querendo inculcar que perfeitamente comprehendia a intenção das palavras de Gilberto.

— Não quero dizer com isto, acudiu elle, que esteja de mal com o meu genro, ao contrario, não tenho razão de queixa. E' rapaz, não póde ter o pensar dos velhos, gosta de divertir-se, e ninguem lhe deve levar isso a mal.

Pasmosa transformação!

Pactuou-se o casamento, marcou-se o dia e fez-se a festa.

D. Perpetua estreiou vestido novo, a menina mais nova apresentou-se já com fatos de senhora, caso que muito se commentou, porque não era do estylo assistirem donzellas a bodas de casamento, e os filhos pozeram chapeu alto.

Gilberto achava-se mais calvo, mais velho, mas cercava-o um mundo novo.

Via-se rodeado de homens que elle fizera e esperava em Deus, deixar em posições de independencia e de consideração

O sonho da sua maior ambição emballava-o ainda nas suas horas tranquillas de paz e de apparente felicidade, porque a sorte de Gilberto era ainda para muitos invejavel.

Foi elle e a mulher buscar a noiva em trem de apparato.

— Que te parece? É uma acção bonita.

— É, de certo: o que a gente não deseja para si, não deve querer para os outros.

— Deixal-os casar que já é tempo.

— Coitados, teem padecido bastante por tua causa.

N'estas disposições de espirito entraram na sala risonhos e prasanteiros.

— E esses noivos aonde estão? perguntara D. Perpetua.

Mas Gilberto que padecia do figado, abria muito as fossas nasaes e queixava-se do fumo da alfazema que enchia a casa.

— Abram essas janellas, isto não parece casa de noivos, parece uma casa de parteira.

Gargalhada geral celebrou o dito.

A mana trajava de preto com muita simplicidade e desfazia-se n'um choro de cascata velha.

— Então o que é isso no dia de hoje? Quando á mana lhe morreu o marido não chorou tanto.

— É de alegria, soluçava ella. Ai! cuidava que nunca mais este escrupulo se me tiraria da consciencia.

E voltando-se para D. Perpetua, ajuntou:

— A mana bem sabe o que uma filha custa.

Gilberto acudiu, oppondo-se á continuação do pathetico dialogo.

— É preciso não abusar dos convidados, vamos para a egreja, que o padre já deve estar á espera.

O alferes em grande uniforme, todo enluvado e de espada a rastos, approximou-se de Gilberto que estava tambem com a sua farda e a sua commenda todo chibante.

— Uma palavra, disse com solemnidade.

— E' preciso alguma coisa, acudiu Gilberto indo com as mãos aos bolsos do colete.

— Precisamos do seu perdão e da sua indulgencia.

— Ora historias, quem fala d'isso.

E accrescentou que aguas passadas não movem moinhos.

Mas a este tempo não sabe porque artes de magia, Gilberto achou-se em frente de uma provinciana rubicunda e de nedias carnes, que lhe apresentava nos braços um robusto bébé que era mesmo a cara do senhor seu pae, o alentado alferes que ia casar-se.

A mana tinha caido de joelhos, deante de D. Perpetua, e chorava com a cabeça no colo d'ella.

velho tão absorvido nas suas contemplações espirituaes, que me parece ás vezes um somnambulo em extasis divinos. Fala pouco; e, ás vezes, não diz palavra. Se concorda, limita-se a acenar affirmativamente a cabeça, fechando os olhos; se discorda — o que é raro! — encolhe os hombros e... nada! Nem um pio! Tenho-lhe ouvido meia duzia de palavras, desde que o conheço; e apenas o vejo eloquente — então, digo-te mais, eloquente, arrebatado, como Bonaparte falando ao seu exercito no Egypto — quando me aponta os retratos, exclamando invariavelmente:

— Veneraveis reliquias d'uma familia nobre!

O Bernardo de Souza, apenas eu appareci á porta, correu para mim, felicitando-me da minha chegada. Depois, sem nunca esquecer as pragmaticas, uniu os pés, e, de cabeça baixa, continuou:

— Perdoe-me V. Ex.ª este traje, improprio d'uma visita.

— Ó sr. Bernardo de Souza, por quem é!...

— Seu papá teve a bondade de instar commigo a que viesse hoje a sua casa. Era grande o desejo de a ver, como suppõe; mas queria fazel-o de modo...

Atalhei logo:

— Não lhe desculpo a falta de etiqueta, sr. Bernardo de Souza. O que dirá o Gremio, sabendo que V. Ex.ª atravessou no meio d'estes trigaes sem casaca e sem luva *gris-perle!* E Jesus! que calamidade!

Bernardo de Souza vestia um fato de flanella branca, que lhe ficava bem. No fim do jantar, fomos tomar café para o terraço. Alli voltou de novo a discussão. Ainda agora me lembro que ainda te não disse qual era o assumpto. Que cabeça a minha! O Bernardo de Souza detesta o campo; eu, em parte por convicção, e em parte por espirito de o contradizer, adoro a aldeia! d'aqui, imagina o resto! Emfim, elle, para rematar, disse isto:

— Minha senhora, eu acho que o campo será muito bom para bois; ora eu, graças a Deus, não sou boi!

O papá desatou ás gargalhadas, a tia Dorothéa ficou pasmada deante d'aquella heresia, e até o padre-capellão, que cabeceava, todo repimpado n'uma cadeira de vime, arregalou os olhos, ergueu as mãos, e exclamou:

— Ah! Virgilio! Virgilio!...

A tia Dorothéa voltou-se logo e emendou:

— Como Virgilio! O sr. padre Joaquim está a sonhar! Este senhor chama-se Bernardo de Souza.

Depois lá estiveram os dois a caturrar, explicando o padre a sua exclamação.

A tia ficou satisfeita, e o capellão triumphante. Ainda hei de saber quem é o tal Virgilio! Tu sabes, Thereza?

O Bernardo esteve comnosco até ás onze horas. A tia Dorothéa assistiu á conversa até á hora do chá; o capellão dormitava; e o papá dizia apenas alguma coisa, quando percebia que a conversa ia enfraquecendo.

Eu nunca tinha estado tanto tempo a conversar com o Bernardo. Conhecia-o dos bailes de Lisboa, das noites de S. Carlos; mas eram tão ligeiras as impressões que me ficaram d'esses encontros rapidos, que, francamente, não podia fazer um juizo completo do seu caracter e da sua intelligencia. É o que nos acontece a todas. A convivencia com muitos homens não nos dá tempo a que observemos um detidamente. N'um baile, durante uma quadrilha, no descanço d'uma valsa, trocam-se apenas banalidades que não caracterisam. Póde distinguir-se algum, por ser mais elegante, por valsar melhor, por dizer com certo ar as frioleiras que os outros dizem banalmente.

Depois, quando acontece encontrar-se uma rapariga só com um d'esses homens, cuidando que o conhece muito bem, percebe que o não conhece nada. Não achas, Thereza?

Sentado ao nosso lado, com os pés unidos, a *claque* sobre os joelhos, correcto, gentil, amavel, um homem, n'um baile, não é justamente o mesmo, quando se nos dirige com um simples *veston* de flanella. O aspecto do campo não permitte dissimulações; pelo contrario, impõe uma certa franqueza, que os salões não exigem. Ah! o traje da aldeia é a transicção lenta da casaca para o roupão caseiro!

Queres saber uma coisa? Não me desagradou o Bernardo. Achei-o um pouco caturra, talvez até pretencioso; mas perdôo-lh'o esse defeito, porque o que elle queria era mostrar a sua intelligencia. Mas ha uma coisa que eu lhe não tolero: é a barba! Desde que chegou deixou crescer a barba, e então tem agora um ar d'homem serio que eu detesto. Eu não posso com a barba, e então uma barba selvagem, pello aqui, pello alli... Ui! que horror!

Tenho falado tanto de mim! Dize-me o que fazes. Tens saudades da tua Helena?

A mim o que me vale são as tuas cartas, e estes quartos d'hora em que te escrevo.

Não sejas cruel, nem preguiçosa. Põe os olhos em mim: quero uma carta muito comprida, de cinco folhas de papel, rabiscadas de todos os lados, senão...

Tua

Helena.

(Continúa) *Alberto Braga.*

RESENHA NOTICIOSA

Exposição de plantas. No dia 10 do corrente deve inaugurar-se no Jardim Zoologico de Lisboa a 1.ª exposição de plantas, flores e fructos, a qual terminará no dia 18. São admittidos até ao dia 9 os productos enviados pelos expositores. N'esta exposição serão conferidos varios premios, desde os diplomas de honra até ao diploma de incitamento. E' mais um attractivo com que o Jardim Zoologico convida o publico a visital-o.

Escola de natação. O Collegio Europeu, em Lisboa, vae inaugurar uma aula de natação. Os exercicios serão executados em aquarios á temperatura do corpo.

Galeria de quadros d'Ajuda. Vae novamente organisar-se esta importante galeria de quadros.

Monumento a D. Affonso Henriques. Este monumento que vae ser levantado por uma commissão, em Guimarães, será obra do esculptor Soares dos Reis ao qual foi approvado o projecto que apresentou.

Caminho de ferro de Ambaca. Está aberto concurso no ministerio da marinha e ultramar, para a construcção d'este caminho de ferro, que constitue uma das esperanças melhor fundadas para o desenvolvimento da provincia africana de Angola. O caminho de ferro deverá estar concluido em quatro annos devendo os trabalhos de construcção principiar dentro de um anno contado da adjudicação do contracto. Applaudimos sinceramente a deliberação do digno ministro da marinha o sr. Pinheiro Chagas, porque tudo quanto se faça a bem das nossas colonias tudo é pouco; e superior a todas as conferencias e tratados, está a affirmação da nossa actividade colonial, se para ahi convergirmos os nossos esforços.

Choque de comboios. Sabemos que um portuguez trabalha com bom resultado, no meio de evitar o choque de comboios que se encontrem na mesma linha. É ainda a electricidade que resolve este problema, pois que por meio d'ella dois comboios ascendentes e descendentes na mesma via, poderão prevenir-se a tempo sufficiente de evitarem um encontro, de que sempre tem resultado graves desastres.

Cultura de quina no Zaire. A empreza que se propõe desenvolver a cultura da quina e outras, no Zaire, reuniu no Banco Lisboa & Açores e elegeu uma commissão executiva que ficou composta dos srs. Ernesto George, E. J. Brochado, Antonio Joaquim d'Oliveira, Sousa Lara e Abrão Bensaude, a qual vae organisar os estatutos, e preparar tudo para a realisação do seu plano. O governo concederá algumas garantias a esta empreza, o que será muito para louvar, porque nós temos desprezado aquillo porque outros estão suspirando.

Exposição de quadros. A exposição aberta na sala do periodico *O Commercio de Portugal*, pelo grupo que já agora ficará na historia da arte, conhecido pela denominação de *Grupo do Leão*, tem produzido os mais satisfatorios resultados. Occupar-se-ha o nosso periodico, como o tem feito sempre, d'esse importante assumpto. A nós resta-nos noticiar que os quadros expostos estão pela maior parte comprados, attingindo alguns o preço de 600$000 réis, o que é notavel para o nosso meio, que a abertura da exposição foi honrada com a presença de SS. MM. e A. A. que todos marcaram e escolheram para si o que mais lhe agradou, e que estas exposições marcam uma epocha notavel no desenvolvimento da nossa vida social.

Tremores de terra. De 25 a 26 do mez findo sentiram-se varios abalos de terra em Hespanha sendo o maior de 50 segundos. Estes abalos sentiram-se em Madrid onde só fez estragos em um

---

— Comprehende meu tio?... Peço-lhe que abençoando a nossa união, abençõe tambem este seu sobrinho, fructo d'ella.

De espanto, de indignação mesmo, Gilberto havia recuado alguns passos, e não sabe como póde conter-se que não exclamasse:

— Não ha maior desaforo, gabo-lhe o descaramento.

Mas Gilberto lembrou-se ao mesmo tempo, de que não devia atirar aos visinhos quem tinha como elle telhados de vidro. O que ia lá por casa demais o sabia elle, coisas que as circumstancias obrigavam, que as circumstancias muitas vezes absolviam.

Fez, portanto, ouvidos de mercador, mostrou-se desentendido e recambiou a sua exclamação ao buxo.

— Pois senhores tem graça, tem graça, exclamou, exforçando-se o mais possivel por se mostrar um folgasão, um sucio, um libertino sem prisões de escrupulos nem pequices de sociaes conveniencias.

E deu um beijo no pequerruxo dizendo que o achava um pandego da fortuna.

— Mas vamos a saber então, despacham-se ou ficamos aqui?

A mana dirigia-se agora a elle ainda lacrimante e com o lenço nos olhos.

O alferes saiu-lhe ao encontro participando-lhe que o tio achava muito bonito o netinho d'ella e lhe dera muitos beijos.

— E já lhe dissestes?...

— Ainda não, mas digo-lh'o agora.

E voltando-se para elle, proseguiu:

— Ó tio Gilberto, nós tinhamos a pedir-lhe um outro obsequio.

— É dizer.

— Desejavamos que fosse tambem padrinho do nosso primeiro filho.

Aqui é que elle não poude conter-se.

— Pois ainda não batizaram o pequerruxo?

D. Perpetua soltou uma exclamação que foi perder-se na casa fronteira.

— Bem vê que as conveniencias... certos escrupulos... explicou o alferes.

Nós não queriamos sem o consentimento do mano... acudiu a avó do menino.

Gilberto muito vermelho:

— Bem, bem, mas com uma condição e vem a ser, que se não faça o casamento e o baptisado no mesmo dia.

D. Perpetua acudiu d'alli:

— Ó menino e se a creança morre?

Gilberto voltou-lhe:

— Se morrer enterra-se, nós é que não havemos de entrar com elle n'esta ridicula situação.

A mana toda se magoou.

— Enterra-se, crédo longe vá o seu agouro, meu rico anjinho da minha alma.

E poz-se aos beijos ao bébé que fazia beiçinho e desatara em berreiro escandaloso.

Gilberto meio engasgado com aquella buxa, bradava:

— Ó senhores tirem d'aqui esta creança no dia de hoje que é uma vergonha!

A mana perdeu de todo a paciencia.

— Sempre tem cada idéa o mano! Vergonha?! Ora quem hade falar. Era melhor que olhasse para si.

Gilberto calou o insulto.

A voz da consciencia era n'elle mais forte já do que o proprio sentimento da dignidade.

D. Perpetua tinha-se aproximado a deitar agua na fervura, e momentos depois todos se dirigiram para a egreja, dando Gilberto o braço á sobrinha a quem recommendou muito que se não esquecesse do ramo de larangeira.

Em casa, os filhos de Gilberto de uma malicia mais que precoce e instigados por sugestões do vadio do conhado, não cessavam de entre si trocarem ditos allusivos ás relações anteriores dos noivos.

Gilberto não queria reprehendel-os para se não dar por entendido.

O menino do meio levou a audacia a citar em francez certos personagens, um pouco livres, de uma physiologia de casamento que recentemente saíra dos prélos, de uma casa de Paris.

E quando Gilberto encantado pela accentuação que dava a phrase, pediu a tradução do trecho citado, rompeu da parte dos rapazes tal berreiro, que nem n'uma praça de touros.

O genro, esse mettia os dedos na bocca e soltava assobios como se estivesse no Isidoro á espera do gado.

(Continúa) *Leite Bastos.*

AFRICA PORTUGUEZA — QUISSANGA, NO ZAIRE (Segundo um desenho do sr. J. A. Celestino Soares).

predio, Jaen, Marbella, Cordova, Granada onde morreram dois individuos e outros feridos, em Andaluzia produzindo alguns estragos em Almeria e derrubando varios edificios em Antequera. Em Velez-Malaga fez algumas victimas desabando a estação telegraphica; a população fugiu toda para os campos. Loja ficou muito arruinada e em Montril morreu um homem e acham-se muitos feridos. Albunuelas ficou quasi destruida e em Sevilha houve grande panico mas pouco importantes estragos. Os despachos officiaes de Andaluzia dizem que o tremor produziu a morte a cerca de 260 pessoas em varias villas e aldeias das provincias de Malaga e Granada. Desde 1857 que na peninsula se não sentiam tão fortes tremores de terra, ou que pelo menos fizessem tantos estragos e victimas. Em Lisboa, Porto, Evora e outras terras de Portugal sentiram-se alguns ligeiros abalos, repercussão dos que houve em Hespanha, sendo alguns tão imperceptiveis que apenas foram accusados pelos instrumentos do observatorio do infante D. Luiz da Escola Polytechnica de Lisboa.

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS ANTIGOS Abre hoje no palacio de crystal do Porto uma exposição de desenhos antigos, em que figuram cerca de 600 originaes de notaveis artistas portuguezes, Vieira Lusitano, Domingos Antonio Sequeira, Vieira Portuense, Annunciação, Miguel Angelo Lupi, Manuel de Macedo, Thomasini, Thomaz da Fonseca, etc.

EUGENIO PELLETAN. O telegrapho trouxe-nos a triste noticia da morte d'este eminente escriptor, philosopho e economista, que durante tantos annos prendeu as attenções da França e do mundo com os seus escriptos, cujo estylo e originalidade de pensar arrebatavam a mocidade.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

CATALOGO ILLUSTRADO, publicado por Alberto de Oliveira. E' o titulo do catalogo relativo á 4.ª exposição de quadros modernos do denominado *Grupo do Leão*. Dá relação de 88 quadros e é acompanhado de ligeiros esboços, feitos pelos auctores de alguns dos quadros que figuram na exposição. Felicitamos o sr. Alberto de Oliveira pelo elegante livrinho com que completa esta exposição, toda devida á iniciativa particular e esforços de um grupo de artistas, que ha quatro annos conseguem realisar annualmente este concurso d'arte, com que artistas e publico muito tem a applaudir-se.

UMA CRITICA POSITIVA, por Z. Consiglieri Pedroso, Lisboa. A questão litteraria que se trata n'este folheto foi publicada em artigos, no jornal *Era Nova* em os numeros de 30 de outubro e 30 de novembro ultimos, em resposta á critica do sr. Teixeira Bastos a respeito do *Manual de Historia Universal* do sr. Consiglieri Pedroso, obra de que aqui demos noticia em o n.º 205.

O AFRICANO, Directores litterarios Augusto Peixoto e José Leopoldo Mera, Lisboa, numero unico. O producto d'esta publicação, em cujas paginas figuram os nomes mais distinctos da nossa litteratura, é destinado a beneficio da empreza colonial africana tão patrioticamente iniciada pelo sr. Narciso Feyo. E' uma idéa delicada e digna de obter subsidios, podendo assim sem grande sacrificio, pela diminuta quantia de 100 réis, concorrerem muitos para tão louvavel commettimento, ficando-lhe uma recordação graciosa da sua offerta.

A MODA ILLUSTRADA. Editor David Corazzi, Lisboa. Com o n.º 144 distribuido em 15 de dezembro findo, concluiu o sexto anno de publicação este interessante periodico, que veiu prestar um verdadeiro serviço ás damas portuguezas e brazileiras, facilitando-lhe extraordinariamente o conhecimento das modas mais elegantes que a França decreta ao mundo civilisado. A *Moda Illustrada* é um verdadeiro thesouro para as familias porque n'ella aprendem a bem vestir, e sobretudo, a melhor economia n'esse bem vestir, fornecendo moldes e todos os esclarecimentos ás senhoras que queiram fazer os seus vestidos.

REPUBLICAS, *Revista semanal politica e litteraria.* Director Thomaz Ribeiro, editor Henrique Zeferino. Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa um periodico o qual junta á reconhecida competencia do seu director, uma collaboração selecta.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, *nouvelle revue internationale européenne, par mr. le baron Stock.* N.ºs 10 e 11 de 15 e 30 de novembro ultimo. Comprehendem estes dois fasciculos: *Le parlement espagnol*, por L. R.; *La mujer*, discurso d'Emilio Castellar; *Voyage autour d'un fauteil*, por J. Sigaux; *Sarah Bernardt et Alexandre Parodi*, com retratos; *Le huitième péché capital*, pela sr.ª de Rute; *Des consequences facheuses du mot de Net*; *Patrie hongroise*, por Jean d'Antibes; *Le tournoi de Marie Louise*, por Arsène Houssaye, Ladevèze, Jean Sigaux, A. Schalck de la Faverie; *Bulletin financier*, por Colbert; *Courrier d'Allemagne*, por J. Fastenrath; *Courrier de Paris*, por C. Delaville; *A volta de Camões*, por J. d'Araujo; *Souvenir*, por B. Saint-Chaffray; *La Sainte Isabelle*, por Louisy, Peyrebrune, Anaïs Segalas, Domfront, Clovis Hugues, Pauliat, Scalisi, Sigaux; *Paris Facettes*, por M. R.; *Adolphe Belot*, silhouette, com um bom retrato; e a continuação das traducções da *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, de Herculano, e do *Primo Basilio*, d'Eça de Queiroz.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas... Administração: 40, rua da Atalaya, Lisboa, Filial no Brazil, rua da Quitanda, 40, Rio de Janeiro. Fasciculo n.º 94 comprehende: *O Brazil nos tempos coloniaes*, obra adornada com uma gravura e adequada ao ensino dos que frequentam as aulas de instrucção secundaria.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira. Conclue-se a carta de D. Manuel de 23 de julho de 1520 e a extensa nota relativa ás epidemias, e continua o extracto de outros documentos curiosos e interessantes, relativos principalmente á entrada que D. Manuel fez na cidade de Lisboa com a Rainha D. Leonor, sua terceira mulher, aos quaes vem apenso em nota o rol da despeza que Diogo Facha, recebedor dos dinheiros da imposição nova fez por mandado d'el-rei Nosso Senhor na sua entrada e da Rainha Nossa Senhora, quando entrou na cidade de Lisboa no anno de 1521, no qual se encontram verbas curiosissimas e outras noticias relativas a esse acto e aos que o prepararam muito dignas de attenção.

PARAISO PERDIDO, por Milton, traducção do dr. A. J. de Lima Leitão, revista, prefaciada, annotada, etc. por Xavier da Cunha. David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculos 17 e 18 com bellas gravuras, illustrações de Gustavo Doré ao poema.

O CANCIONEIRO MUSICAL, por G. R. Salvini, David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculos 7, 8 e 9. Recommendamos esta obra ás nossas leitoras, como um verdadeiro repertorio escolhido de musica nacional para canto e pianno.

AVISO

Por justos motivos de execução de trabalho não póde ser distribuido com este numero o supplemento ao n.º 216. Sel-o-ha com o proximo numero do dia 11 do corrente.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisb-